



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

ANA VIEIRA DE OLIVEIRA

HISTÓRIAS QUE FLUTUAM

ANANINDEUA - PARÁ
2018

ANA VIEIRA DE OLIVEIRA

HISTÓRIAS QUE FLUTUAM

Artigo Científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Latu Sensu, Curso de Especialização em Ensino de História, da Universidade Federal do Pará (UFPA) como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

ANANINDEUA - PARÁ
2018

ANA VIEIRA DE OLIVEIRA

HISTÓRIAS QUE FLUTUAM

Artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Latu Sensu, Curso de Especialização em Ensino de História, da Universidade Federal do Pará (UFPA) como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
(Orientador- UFPA)

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos
(Membro - UFPA)

Prof^a. Dra. Conceição Maria Rocha de Almeida
(Membro - UFPA)

HISTÓRIAS QUE FLUTUAM

Ana Vieira de Oliveira
Wesley Oliveira Kettle
Universidade Federal do Pará - UFPA

RESUMO

A pesquisa foi realizada em sala de aula com quatro turmas de sexto ano do ensino fundamental no município de Salvaterra situado no arquipélago do Marajó, com objetivo de reconhecer os saberes e aprendizagens desses estudantes sobre os primeiros contatos entre europeus e indígenas, observando que é o primeiro contato do aluno com a história como disciplina e ciência, perceber como esses estudantes acrescentam ou não elementos naturais e a paisagem como atores e fatores desses acontecimentos, levando em consideração que todo conhecimento histórico que ele traz até aqui é construção do seu meio social e da introdução feita por professores no fundamental menor, do primeiro ao quinto ano, onde o objetivo principal é a alfabetização e as primeiras operações matemáticas. Como iremos reconhecer e lidar com essa construção tentando introduzir as bibliografias para também contribuir para formação, colocando os acontecimentos históricos dentro de um cenário, que influencia totalmente no seu andamento.

1 INTRODUÇÃO

O texto a seguir se propõe a investigar como os alunos colocam a natureza dentro das cenas históricas mesmo antes de ter seus primeiros contatos com a disciplina História no 6º ano do Ensino Fundamental. Na faixa etária de 11 a 12 anos, os estudantes já trazem alguns conceitos históricos adquiridos nos mais diversos ambientes que frequentam, contudo é importante observar se trazem informações sobre o meio ambiente em que se passam esses acontecimentos, como percebem a natureza e seus componentes. Os alunos percebem que fatores ambientais são agentes históricos ou são meros componentes da paisagem.

Este trabalho convida para uma reflexão sobre a paisagem e como esta interage com os personagens históricos que não flutuam no espaço, e sim pisaram no chão dos lugares que passaram e o modificam, tendo que lidar com as intemperes que a natureza oferecia. Quanto à natureza como agente histórico empresto as seguintes palavras.

[...] a natureza não é simples matéria-prima, mera entidade passiva para a plástica operante de uma racionalidade instrumental técnico-científica; por outro lado, há espontaneidade própria da natureza. . .A filosofia da paisagem exige que aquilo que contemplamos no horizonte não seja redutível a objeto passível seja da técnica humana, seja da inteligência divina. A paisagem obriga a um exercício de atenção renovado. (SOROMENHO-MARQUES, 2001, p. ???).

Esta pesquisa foi realizada na escola Oscarina Santos que se localiza no centro do município de Salvaterra, durante a primeira semana de aula entre os dias 19 e 21 de fevereiro de 2018 com discentes do 6º ano, em um total de 104 alunos. Após breve conversa sobre os objetivos da nova disciplina, foi feita a seguinte proposição de atividade: escreva um texto breve de no máximo 10 linhas sobre a chegada dos portugueses no Brasil, descrevendo essa chegada do ponto de vista dos indígenas que estavam na praia observando as caravelas se aproximarem, ou do ponto de vista dos portugueses que estavam dentro dos navios chegando a uma terra totalmente desconhecida.

Expostos os objetivos acima e com as redações dos alunos em mãos, partimos para a análise dos dados obtidos, tendo em mente a importância da pesquisa em sala de aula para aproximar o saber acadêmico do saber escolar, levantar questões pertinentes às problemáticas escolares e de prática da disciplina História. No Brasil, essa tentativa de fazer do educador um pesquisador de educação data de meados do século XX.

Hoje muitos professores sentem que a pesquisa educacional conduzida pelos acadêmicos é irrelevante para suas vidas nas escolas, enquanto a maior parte dos professores não procura a pesquisa para instruir e melhorar suas práticas. (ZEICHNER, 1998,

Então, no intuito de melhorar nossas práticas, precisamos conhecer a bagagem histórica dos alunos e a formação de seus conceitos, a fim de torna mais fácil o acesso à realidade dos mesmos, suas visões de mundo e identificações com atores históricos e com o meio ambiente. Partindo dos princípios do professor

pesquisador em ensino de História. Do total de 104 alunos 67 se posicionaram dentro das caravelas, eram marinheiros ou o próprio comandante, como veremos no texto abaixo, nele *Aluno 1*, 12 anos, descreve a chegada.

vamos tripulantes temos que chegar terra a vista! nosso vento está ficando fraco, peguem os remos e remem, remem, vejam se o local é seguro, olhem essas pessoas, estavam peladas, quem são eles? Conheçam a cultura. Um deles dá uma roupa para todos os índios. Vamos até a casa deles, vamos ver como é, vejam é de palha e barro, tentem entrar lá dentro, eles são amigáveis, vejam como aceitam os presentes, montem a barraca para passar a noite, quando amanhecer temos um longo dia.

O *Aluno 1*, assim, como 35 de seus colegas, estavam dentro das caravelas e tinham postos de comando. O primeiro elemento natural que ele cita é o vento, que estaria ficando fraco. É pertinente ressaltar que essa pesquisa foi feita em uma ilha, onde a locomoção é majoritariamente feita por hidrovias, logo a maioria dos alunos têm familiaridade com fatores que influenciam a navegação, como ventos, correntes e marés. Em conversa posterior o aluno se declara filho e neto de pescador e tem consciência de que o enfraquecimento do vento ou sua parada por completo adiaria a chegada colocando o elemento natural como elemento histórico capaz de mudar a data da chegada dos europeus as terras americanas.

Ainda sobre isso, o aluno relata o contato com os indígenas, que estavam sem roupas, mas isso é visto com um estranhamento para o aluno e ele narra a doação de roupas aos mesmos, logo em seguida, ele descreve a moradia dos indígenas, são feitas de palha e barro, essas moradias além de construídas com materiais que o aluno imagina serem comuns àqueles tempos da chegada dos portugueses, é ainda uma forma de construção muito comum às comunidades e vilas afastadas do centro de Salvaterra. Atentemos que ele não questiona o motivo ou a datação daquela ocupação indígena como se ele fosse natural, parte da paisagem. A paisagem sempre descrita pelos alunos é a praia e alguns fatores naturais ali presentes. A presença dos indígenas também conta como um fator natural.

O *Aluno 2*, 12 anos, 6º B, descreve o mesmo evento da chegada da perspectiva dos indígenas.

Um certo dia estava fazendo cerâmica na praia, vivendo de boas na natureza, de repente eu vi um negocio estranho vindo pelo mar, veio se aproximando devagar, veio chegando bem pertinho, eu vi pessoas descendo do negocio estranho, eu não entendia a língua deles, mas eles entendiam a nossa, eles queriam descobrir terras, só que aqui já haviam

peessoas indígenas e eles queriam nossa terra, nós não concordamos e começou a guerra.

Podemos observar no texto do *Aluno 2*, a vida cotidiana dos indígenas, na praia fazendo cerâmica, vivendo em perfeita harmonia com a natureza, quase um elemento que não interfere na paisagem, na verdade, faz parte dela, depois como elemento natural vem o mar, meio pelo qual vem os portugueses lutar pela terra, que na concepção do aluno já era povoada pelos indígenas e por esse motivo se iniciou a guerra. Esta visão que os indígenas viviam em perfeita harmonia com a natureza, sem modificá-la ou pelo menos sem interferir negativamente na mesma citada em 56 redações, como exemplo o *Aluno 3*.

[...] nós indígenas estávamos vivendo aqui, caçando, pescando, colhendo as frutas que a natureza nos dá, sem destruir nada, aí vem o português querer nossas terras, destruir a natureza, poluir o rio e matar nossos animais.

Porém, falar dessas populações, pré-contato, inclusive a marajoara seria impossível sem tomar a arqueologia como ferramenta, para essa tarefa usamos como referência o trabalho da professora Denise Schaan (2009) que prova através da arqueologia a evolução dessas populações e sua adaptação e modificação do território. As tecnologias desenvolvidas por eles como a cerâmica, a piscicultura, a agricultura, navegação, assim como toda dinâmica desse cacicado, de acordos políticos, guerras, povos complexos, muito longe do conceito de bons selvagens, que não interferiam na natureza.

O que torna muito importante salientar em sala que “os povos pré-contato eram complexos, e possuíam diversas tecnologias” (SCHAAN, 2009), descrever os indígenas diferentes daqueles descritos pelos europeus que escrevem há séculos sobre essas populações. Essas não só viviam no ambiente como o modificavam, constantemente, através de suas práticas e do desenvolvimento de suas tecnologias.

Buscar referências que auxiliem o entendimento da função do historiador e de múltiplas visões históricas e maneiras de mostrar para os alunos como a ciência História funciona, o que os aproxima da disciplina mais do que as formas mais tradicionais de ensinar, os grandes personagens e eventos não flutuam sem espaço definido.

Pelo cronograma apenas no 7º ano os alunos terão contato com essa parte do conteúdo, “primeiros contatos entre portugueses e indígenas”, contudo no 6º ano, temos uma excelente oportunidade de introdução das populações pré-contato durante as aulas de pré-história já que as populações marajoaras foram escolhidas como a “imagem do indígena nacional” como demonstra Linhares (2017) ao criar essa identidade com as populações nativa e do Marajó como paisagem para essa História. Traremos para dentro da sala ele, o marajoara, para que deixem de ser aqueles personagens integrados a natureza e presos ao passado.

Ao adquirir esses conhecimentos os alunos também adquirem habilidades para poder colocar esses indivíduos realizando seus afazeres cotidianos, a pesca, a agricultura, os rituais funerais, buscando a alimentação em uma paisagem dinâmica que sofre modificações não só climáticas, mas provocadas por essas populações. Colocar as práticas de navegação e piscicultura nos rios e alagados da região. Para que a História fique mais viva e palpável. “A paisagem em causa a procura do autoconhecimento e da identidade” (SOROMENHO-MARQUES, 2001.)

O objetivo desta pesquisa é constatar como a paisagem e os elementos naturais são elementos históricos ativos, através da percepção que os alunos construíram sobre o contato entre os indígenas e os europeus, para que o ensino de História se torne mais concreto e menos flutuante.

2 COLONIZAR MENTES E ÁRVORES

[...] descemos na praia e observamos índios com pássaros coloridos nos ombros que eles chamavam de Araras, muito diferentes, as frutas que nos deram eram muito saborosas, nunca tínhamos provado antes, cupuaçu, bacuri, cacau, açaí. Os índios não têm cachorros ou gatos, só onças que são gatos grandes e ferozes. Tudo muito estranho e diferente”. (Aluno 4, pesquisa realizada em sala de aula)

Ao lermos as redações dos alunos surgem perguntas: “Por que a maioria de nossos alunos se posiciona dentro das caravelas? Para ele a natureza do lugar que ele habita é descrita como estranha, diferente e exótica? Por que qualquer natureza que não seja a da Europa é exótica?

O projeto europeu de catalogar o mundo é antigo, também faz parte dele não mencionar o fato de que os conhecimentos sobre as novas terras e suas tecnologias

são adquiridos com as populações nativas, este discurso faz parte do plano imperialista do colonizador.

O estranhamento quanto à nova terra, a sua natureza e aos seus habitantes não é uma construção natural, é uma construção pautada em séculos de educação eurocêntrica, pois esse sempre se pensava no dever de catalogar o mundo, começando pelo oriente, posteriormente a África, durante as grandes navegações a América e por último a Oceania.

Desde a chegada do europeu em terras americanas, a América vem sendo “descoberta” e descrita por viajantes, naturalistas, exploradores, religiosos e cientistas bastava escrever. Por conseguinte, essas produções têm sido consumidas desde então pelo público letrado que formula suas impressões sobre as novas terras a partir do olhar e da construção desses estrangeiros.

Essa missão de conhecer, explorar e catalogar é descrita no trecho de Mary Louise Pratt, sobre o ano de 1735, quando houve uma das iniciativas mais audaciosas no campo da botânica.

[...] a publicação do *Systema Naturae* (O Sistema da Natureza), de Carl Linné, no qual o naturalista francês estabelece um sistema classificatório que visa categorizar todas as formas vegetais do planeta, fossem elas conhecidas ou desconhecidas dos europeus”. (PRATT, 1999, p. ???).

De Pizarro a Pe. Antônio Vieira, de Spix aos Bandeirantes, entre outras iniciativas nos demonstra o quanto a catalogação de nossas espécies vegetais e animais provocava a curiosidade dos europeus que as encaixavam em seus sistemas de nomenclaturas e classificações. Durante todo o período colonial e imperial do Brasil, vemos a interferência dos europeus nas impressões sobre nossa natureza. No trecho a seguir vemos o interesse dos austríacos e bávaros que aproveitaram o casamento da princesa Leopoldina para enviar sua expedição para o Brasil e, posteriormente, montar extenso acervo sobre a expedição.

O príncipe Metternichi organizou uma missão de cientistas para estudar o Brasil [...] do império austríaco foram enviados: médicos, pintores, o representante do gabinete de história natural, Johann Natterer, paisagistas, zoólogos, jardineiros [...] na comitiva particular de Leopoldina, estava o conservador do gabinete de Mineralogia da Corte e como agregados iam também o zoólogo Spix e o botânico Martius [...] com a chegada das primeiras espécies na Áustria o imperador Francisco I decidiu criar o museu brasileiro, também devemos ressaltar que o acervo de espécimes brasileiros de posse do governo da Baviera é um dos mais importantes e consultados até os dias de hoje” (REZZUTI, 2017, p. ???)

Foi formada a partir desses acervos, relatos publicados e coleções. Um discurso oficial europeu sobre o Brasil não só foi produzido, mas amplamente divulgado. Em poder dessas informações podemos pensar que esse fenômeno se deu porque os nativos eram ágrafos e não registravam a natureza que lhes era comum de forma a gerar um conjunto de referências feitas por eles para que fossem difundidas no resto do mundo.

Contudo, o que percebemos é que suas percepções sofrem apropriação e nas raras vezes que escrevem os nativos são desconsideradas, suas produções somem no acervo como vemos no relato abaixo.

Em 1908, um especialista em estudos peruanos, chamado Richard Pietschmann, estava pesquisando nos arquivos reais dinamarqueses, quando se deparou com um manuscrito que fora datado em Cuzco, em 1613, umas quatro décadas depois da derrota final do império Inca frente aos espanhóis, e assinado por um nome inegavelmente ameríndio e andino: Felipe Guaman Poma de Ayala. Escrito em uma mistura de quíchua e espanhol endereçada ao rei Felipe III da Espanha. A carta continha mil e duzentas páginas das quais quatrocentas eram desenhos à pena, intitulado *A Nova crônica e Bom Governo e Justiça*, o manuscrito propunha nada menos que uma nova visão de mundo. Ele começava pela reescrita da história da cristandade, para incluir os povos indígenas da América, passando a descrever o modo de vida andino e de seus líderes, vendo a conquista espanhola de uma nova perspectiva e descreve a natureza e o espaço andino” (PRATT, 1999, p. ???)

Os indígenas sem voz dão lugar ao discurso feito pelos europeus. Estas e outras expedições como as dos cientistas trazidos por Leopoldina ainda estão rendendo publicações até hoje, porém as outras visões da história, a dos indígenas estão sendo descobertas ou divulgadas agora, sendo ainda hoje o europeu o detentor das versões oficiais e mais publicadas sobre a natureza e as populações do Brasil que visto por olhos estrangeiros tende a parecer exótico e estranho.

3 O CONCRETO NÃO FLUTUA

Esta pesquisa foi realizada com alunos do 6º ano do ensino fundamental, que se encontram na faixa etária de 11 a 12 anos, Jean Piaget classifica esta fase de desenvolvimento como Operacional Concreto.

[...] nesta fase a criança será capaz de realizar tarefas mais difíceis, que requer lógica, como problemas matemáticos, porém sem muita facilidade

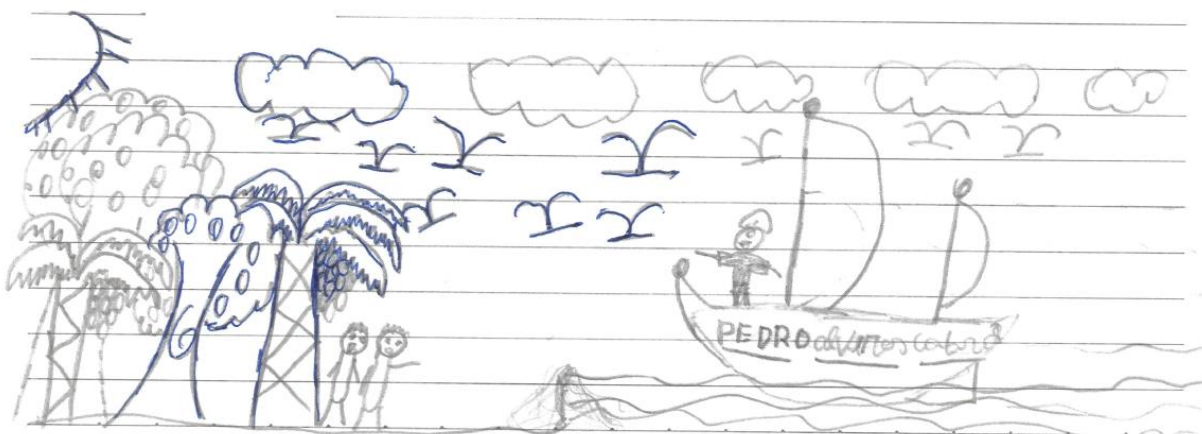
para lidar com pensamentos abstratos, logo é muito comum para resolução das tarefas o aluno contar nos dedos, desenhar e descrever aspectos físicos da paisagem para tornar a tarefa mais concreta em sua mente, quase sempre relacionando com experiências conhecidas e já vivenciadas. (MACEDO, 2002).

Ao observarmos o trabalho dos alunos observamos que por vezes recorrem à montagem de figuras mentais para descrever o ambiente, a pergunta “podemos desenhar?” foi recorrente e muitos precisam de fato desse elemento gráfico para descrever a cena de chegada das caravelas em terra, a natureza, os indígenas e os portugueses.

Dentre os 104 trabalhos, 26 trazem desenhos para representar esse encontro, em 17 trabalhos observamos representações de flora e fauna brasileira, os textos e desenhos são bem detalhados, 10 são coloridos, com peixes no mar, árvores bem variadas, os indígenas e portugueses são representados de forma diversa, existe praia, navio, mar, as frutas tem gosto, ou seja, o aluno liga completamente os personagens ao cenário e a natureza existente nele. O texto retrata exatamente a cena desenhada a seguir como se um completasse o outro.

A história do Brasil começou quando os portugueses pensaram: será que existe um lugar diferente do nosso? Aí pegaram suas coisas, comidas, pão etc.. construíram barcos e começaram a navegar até chegar no aqui. Os portugueses começaram a explorar a ilha estranha e viram animais e plantas que eles não sabiam se podiam comer, assaram as carnes dos animais e gostaram, comeram as frutas também, acharam tudo muito colorido aqui, a floresta e os animais, até os indígenas usavam colares e penas coloridas na cabeça”. (Aluno 5, pesquisa realizada em sala de aula).

Figura 1 – Chegada dos portugueses ao Brasil

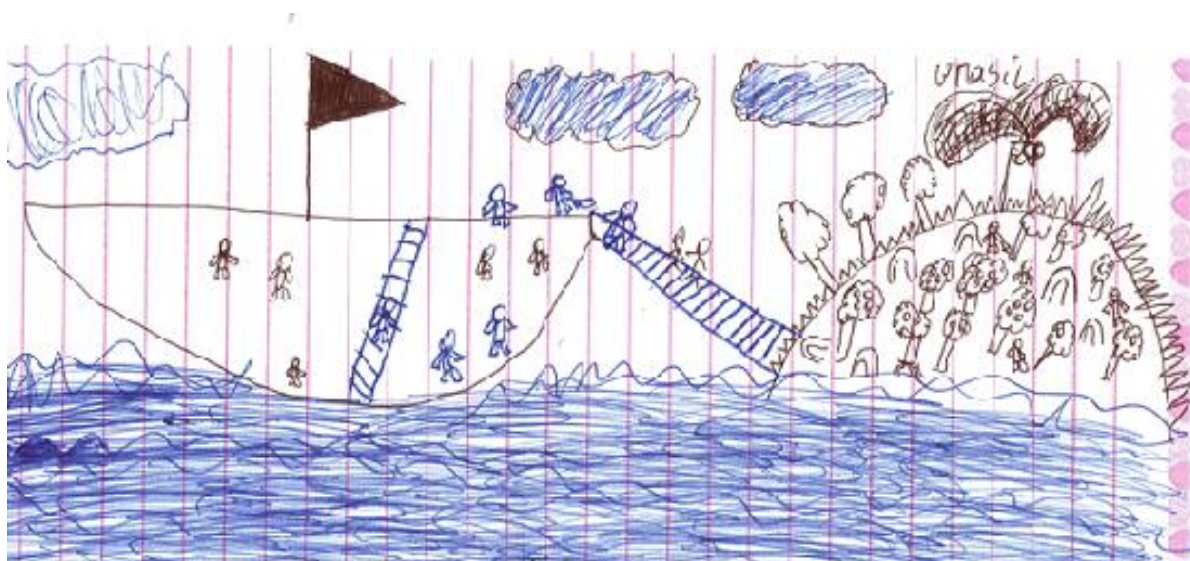


Fonte: Desenho do Aluno 5

“Será que existe um lugar diferente do nosso?” O *Aluno 5* começa o texto com essa pergunta feita pelos portugueses, iniciando a mudança da paisagem, a mudança do cenário europeu para o que se tornaria Brasil, nesta nova terra observa a presença de árvores variadas, o que ele demonstra no desenho depois, assim como frutas, que estão nas árvores, animais que são classificados como exóticos, o desenho também demonstra um céu povoado por aves, a praia e o mar, de onde vem Pedro Álvares Cabral. A preocupação do aluno com a alimentação é constante, ele inicia o texto que os portugueses vieram com o navio abastecido de alimentos e logo que chegam provam algumas frutas e animais para ver se lhes servem de comida. Além disso, o impacto visual que a floresta e suas cores causam, assim como a variedade desta floresta tanto em fauna quanto em flora. O europeu quanto os indígenas estão situados no cenário e a natureza é descrita ao longo do texto a demonstrada no desenho.

Os portugueses queriam morar no Brasil, mas não sabiam que já tinha gente morando aqui, eles viram aquela terra grande, muitas árvores, bichos, sem ninguém. Os índios estavam com muito medo de aparecer para os portugueses, se esconderam na floresta e nas ocas. Quando os portugueses entraram na floresta alguns morreram picados por cobras e comidos por onças, porque eles nem sabiam o que eram aqueles animais, então quando eles acharam os índios ficaram com as terras deles e fizeram eles serem escravos” (Aluno 6, pesquisa realizada em sala de aula).

Figura 2 – A floresta é o esconderijo



Fonte: Desenho do Aluno 6

Neste texto, o *Aluno 6* escreve sobre uma terra grande e pouco habitada por humanos, aparentemente com muitas árvores e bichos, contudo esperando a ocupação humana, mas na verdade a floresta é refúgio para os indígenas que a conheciam. Por isso, puderam se esconder nela, o desconhecimento da natureza do Brasil faz com que este lugar seja ao mesmo tempo tão seguro para os indígenas e cheio de perigo para os portugueses que desconheciam a fauna no lugar, inclusive relatando a morte de alguns portugueses que teria ocorrido pelo desconhecimento dos animais como onças e cobras. A ignorância sobre a floresta é relatada em outro texto como causa de mortes, entretanto por desconhecimento da flora.

Todos os brancos vestidos de forma estanha que chegaram antes aqui a gente que é índio matou, alguns com nossas flechas que passamos veneno de sapo, outros a gente fez tomar um veneno que tiramos de cipós, mas esses portugueses eram muito espertos e chegaram quando a gente estava dormindo. (Aluno 7, pesquisa realizada em sala de aula).

Figura 3 – Tecnologias da floresta: veneno



Fonte: Desenho elaborado pelo Aluno 7 durante a pesquisa de campo.

Aqui vemos os indígenas usando as tecnologias da floresta para se defender, o veneno retirado do sapo colocada nas flechas que são representadas no desenho e dos cipós que é letal segundo o texto, e que só eram conhecidos pelos indígenas. Em outro texto vemos a descrição do clima.

[...] quase que a gente não consegue ver a terra de tanto que chove aqui, muita chuva mesmo, quando não chove faz muito calor, ontem quando a chuva passou descemos do barco, mas voltamos logo porque estava muito quente e nós portugueses não estamos acostumados com tanto calor, ficamos muito cansados e não conseguimos ver quase nada da nova terra. (Aluno 8, pesquisa realizada em sala de aula).

O clima do Brasil é um fator limitante para os portugueses, ora chove muito, ora faz muito calor, a chuva atrapalha a exploração das novas terras, o calor extremo provoca fadiga e a falta de familiaridade com o clima acaba atrasando o andamento da expedição, fazendo do clima um ator dessa história.

A partir dos textos construídos pelos alunos percebemos que os personagens pisam na terra e não pairam sobre ela. Como a natureza se torna um dos personagens dessa história, essa nova terra tem gosto, cheiro, temperatura, as pessoas que habitam nela a usam como refúgio, como arma, sabem as vantagens de lhe conhecer e ter intimidade com seus elementos. Depois dessas descrições, perguntamos se existe outra forma de fazer história, na qual os personagens não interagem com elementos, esses executam as ações flutuando sobre a paisagem sem influir nela e sem deixar com que essa influa no movimento histórico. É importante perceber como as nossas próprias aulas estão nesta construção, onde ela pisa e onde ela flutua.

4 HISTÓRIAS DE LUGAR NENHUM

[...] A história da Amazônia é atividade que não pode ser pensada como se os seres humanos pairassem acima da natureza e do meio ambiente, ou como se as populações amazônicas ribeirinhas não tivessem nada a ver com as características físico-químicas do solo no qual trabalham, e com a qualidade dos rios às margens do qual habitam! Essas tentativas de recolocar a sociedade no plano teórico, na natureza, da qual nunca esteve separada na realidade.” (LEONARDI, 1999, p. ???)

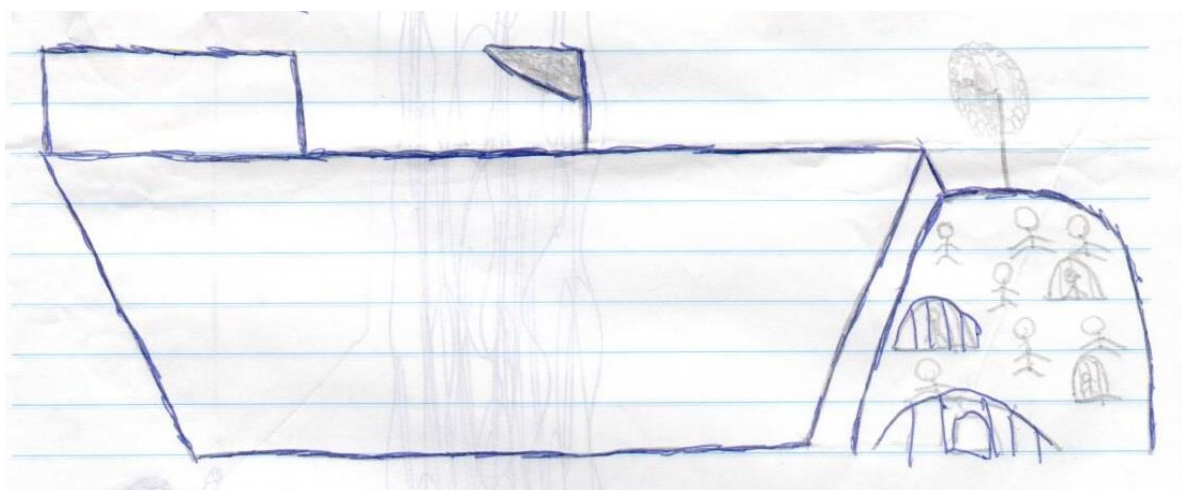
A afirmação acima feita por Leonardi fala de uma história que leva em conta a paisagem como elemento histórico e constitutivo, da própria biologia dos personagens, considerando que a floresta e sua geografia influem na dinâmica dos acontecimentos, para entender de história da Amazônia é preciso entender a Amazônia.

Contudo como alunos, professores e leitores sabemos que é possível sim que a história paire, flutue sem tocar no cenário em que ocorre, como se esse não

influenciasse as ações ocorridas, como se essas pudessem ocorrer em qualquer lugar distinto, como se somente os humanos ali envolvidos fossem responsáveis pelo andamento dos acontecimentos. Lemos livros muitas vezes, assim são ministradas nossas aulas e nossos alunos reproduzem esta forma de contar história como podemos verificar nos trechos a seguir:

[...] um dia ouvimos um barulho estranho, estavam aqui e eram todos iguais vestidos iguais, seguravam armas, queriam nossas terras, invadiram nossas casas. Como tinham muitas armas nós demos tudo que eles queriam, mesmo assim teve guerra e nós perdemos". (Aluno 9, pesquisa realizada em sala de aula).

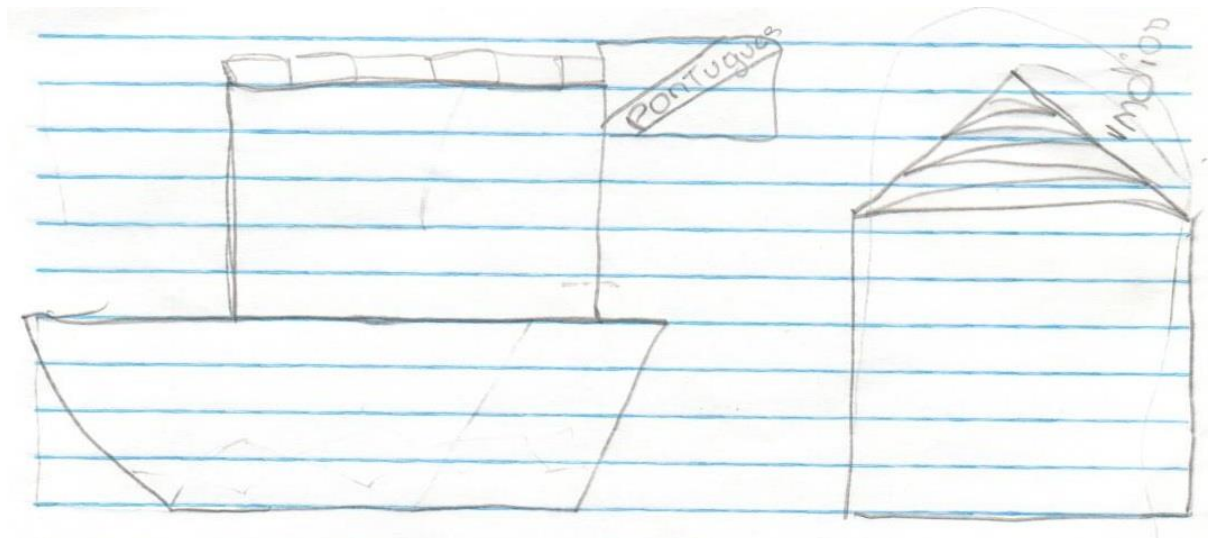
Figura 4 – História de lugar nenhum



Fonte: Desenho do aluno 9

Esta parece a história de qualquer invasão, poderia acontecer em 2018 em um morro no Rio de Janeiro durante a intervenção militar, ou em uma cidade francesa invadida pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. A história contada acima é extremamente genérica, impessoal, sem localização ou temporalidade. O desenho também não nos traz informação alguma sobre o local ou o tempo desta ação.

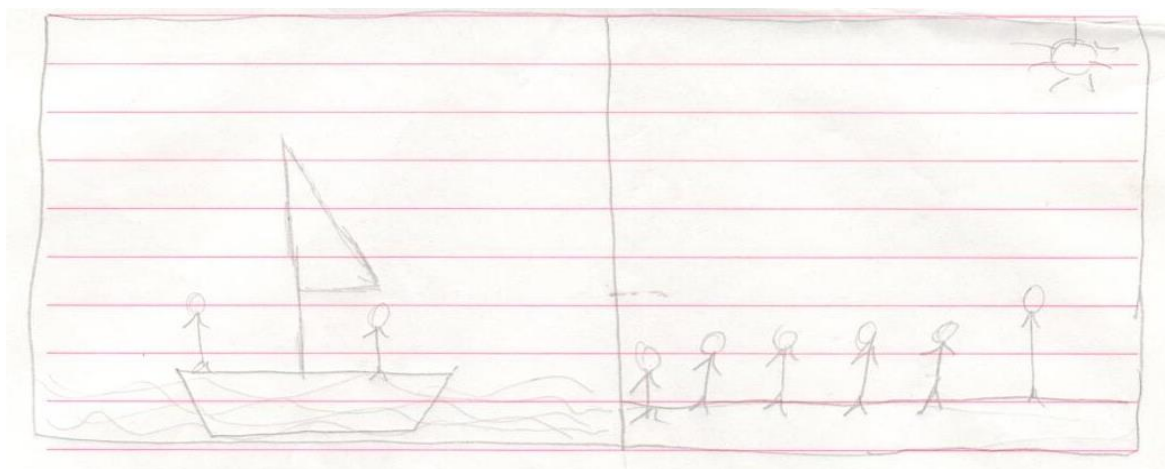
Os portugueses chegaram em um navio muito grande, todos nós ficamos olhando, eles passaram por aqui e queriam nossas terras, mas a terra já era dos índios, eles navegaram por muitas outras terras e países e se tornaram donos de tudo. (Aluno 10, pesquisa realizada em sala de aula).

Figura 5 – Outro lugar

Fonte: Desenho do aluno 10

Nesse trecho o aluno conta uma história sobre a conquista portuguesa que poderia ter ocorrido em qualquer colônia, a não ser pela palavra indígena, mas ressalta o fato dos portugueses terem navegado por várias terras e se tornado os donos de tudo.

Na época os portugueses estavam fazendo planos para invadir onde os índios estavam, eles foram em um barco muito grande e chagaram na ilha. Os índios começaram a fazer flechas, os portugueses tinham armas, começou uma guerra. Os portugueses ganharam e escravizaram os índios que faziam todo o trabalho e os portugueses não faziam nada. (Aluno 11, pesquisa realizada em sala de aula).

Figura 6 – O plano dos portugueses

Fonte: Desenho do aluno 11

A questão principal dos textos acima vindo dos alunos é que provavelmente estão reproduzindo a forma que eles aprenderam a relatar os fatos, o distanciamento causado por relatos assim afastando os alunos da faixa etária pesquisada da disciplina História. Quando ministramos aulas, fazemos pesquisas, ou escrevemos sobre conteúdos, temos que ter em mente o público que vai consumir esses conteúdos, pois produzir história de forma insípida e inodora não gera qualquer identificação por parte dos alunos para com o conteúdo que está sendo ministrado. Devemos considerar também que uma forma de relato mais conceitual, sem cenário se torna bem menos atraente para o leitor ou expectador independente de sua idade, pois lhe disponibilizam menos recursos para compreender os fatos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois desta análise feita sobre os textos dos alunos é necessário propor soluções para esse processo de educação histórica que irá se iniciar no 6º ano do Ensino Fundamental e para despertar o interesse do aluno, uma das soluções propostas por Paulo Freire é que

[...] devemos aproximar os conteúdos a serem ministrados da realidade e porque não dizer do cotidiano do aluno, alfabetizar com a frase “*Eva viu a uva*” um aluno que nunca viu uma uva não faz o menor sentido, só o distanciará mais da aprendizagem” (FREIRE, 2005, p. ???)

Outra reflexão que deveríamos fazer ao iniciar os conteúdos de História é sobre a relevância da história local daquela população nos acontecimentos de impactos gerais. Acima já acompanhamos que no caso do Marajó, as populações nativas têm muito a nos acrescentar no desenvolvimento de alguns tópicos como a função do historiador, arqueologia, populações nativas do Brasil, tecnologias da floresta e pré-história. Alguns temas transversais como uso da água, indígenas, educação ambiental, além de elevar a autoestima dos estudantes por criar uma ligação com essas populações mostrando sempre a relevância da mesma.

A educação ambiental tema de extrema importância que deve ser trabalhado em todas as disciplinas ministradas no Ensino Fundamental para incentivar nos alunos a consciência de conservação o quanto antes sobre isso.

[...] a temática ambiental e a educação Ambiental são essenciais para fazer parte do processo de ensino e aprendizagem no ensino básico. Além disso levando em conta as transversalidades e interdisciplinaridades da temática, a Educação Ambiental deve sim se fazer presente nas aulas da disciplina história. (VIDIGAL; CORDOVIL; KETTLE, 2016)

Então, esta pesquisa foi realizada observando esses preceitos, também servindo como uma atividade diagnóstica para perceber a bagagem de alguns alunos, para a partir dessa base, formular as aulas e o encaminhamento da disciplina para que essa atenda às necessidades dos alunos aproximando-os da disciplina História e da relevância da própria história local.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LEONARDI, V. P. de B. **Os historiadores e os rio: natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

LINHARES, A. M. A. **Um grego agora nú: índios marajoara e identidade nacional brasileira**. [S.l.]: CRV, 2017. ISBN 978-85-444-1339-5.

MACEDO, L. de (Org.). **Psicanálise e Pedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

PRATT, M. L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. 1. ed. Bauru: Edusc, 1999.

REZZUTI, P. D. **Leopoldina: a história não contada: a mulher que arquitetou a Independência do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

SCHAAN, Denise P. **A Amazônia em 1491**. Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas, p. 55 – 82, 2009.

SOROMENHO-MARQUES, V. **Pensar a paisagem**. Finisterra, v. 72, n. XXXVI, p. 149 –156, 2001.

VIDIGAL, V. E. M.; CORDOVIL, W. P. M.; KETTLE, W. O. **Natureza e ensino de história em Ananindeua**. In: X SIMPÓSIO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH/Pará. Belém: [s.n.], 2016. p. 11 – 12. Disponível em: <<https://anpuhpa.webnode.com/caderno-de-resumos>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

ZEICHNER, K. M. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: **Cartografia do trabalho docente**. [S.l.]: Mercado das Letras, 1998. p. 207 – 236.